



**A extrema direita argentina em ação: intolerância, violência e antissemitismo
(1995-2002)**

Gabriela Resendes Silva^I

Resumo: O presente trabalho aborda, a partir da análise do atentado a Claudio Salgueiro em 1995 e das profanações de túmulos judaicos em Tablada e Ciudadela nos anos de 1997 e 1998, a problemática do antissemitismo praticado pelos grupos de inspirações (direta ou indiretamente) neofascistas no tempo presente. Para tanto, utilizamos as reflexões produzidas por autores como Robert Paxton, Francisco Carlos Teixeira da Silva e Gerald Messadié.

Palavras-Chave: Argentina, Extrema Direita, Antissemitismo.

**THE ARGENTINE FAR-RIGHT IN ACTION: INTOLERANCE, VIOLENCE
AND ANTI-SEMITISM (1995-2002)**

Abstract: The purpose of this text is study the problem of anti-Semitism practiced by groups of neofascist inspirations (directly or indirectly) in present time. This analysis starts from the attack on Claudio Salgueiro in 1995 and desecration of Jewish graves in Tablada e Ciudadela in 1997 and 1998. To this intent, reflections of authors such as Robert Paxton, Francisco Carlos Teixeira da Silva and Gerald Messadié were used.

Keywords: Argentina, Far-Right, anti-Semitism.

Artigo recebido em 01/10/2014 e aceito em 15/10/2014.

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

Introdução

O final do século XX foi marcado por inúmeros processos. Desde a década de 1990, o mundo Ocidental vem presenciando a ascensão de práticas intolerantes, alicerçadas em discursos e heróis que muitos julgavam sepultados desde o fim da II Grande Guerra. Processos como a reunificação alemã, a queda do Muro de Berlin e a desagregação da União Soviética, provocaram uma inesperada onda xenófoba na Europa, fortalecendo movimentos neofascistas¹. Assim, “o mundo se depara hoje, mais uma vez, com novas ondas de racismo, antissemitismo e nacionalismo xenófobo”².

Fatores que dificultam as relações humanas no tempo presente, pois ainda se ouve o velho e equivocado discurso de “superioridade” (racial, econômica, social, cultural), que tende a incentivar e ao mesmo tempo justificar atos de violência, intolerância e preconceito. Com uma capacidade incrível de se adaptar as diversas realidades, os ideais fascistas se fazem presentes não só no Continente Europeu, mas também em vários lugares do mundo, adaptando, conforme as especificidades de cada país, “seu inimigo nacional”³.

Desta forma, o presente trabalho aborda, a partir da análise do atentado a Claudio Salgueiro em 1995 e das profanações de túmulos judaicos em Tablada e Ciudadela nos anos de 1997 e 1998, a problemática do antissemitismo nacionalista praticado pelos grupos de inspirações (direta ou indiretamente) neofascistas na Argentina.

“Origens” do Antissemitismo

O fenômeno do antissemitismo sendo, pois, propriamente patológico, poderia parecer interessar apenas a quem diz respeito – os judeus –, depois aos historiadores e a todos aqueles para quem o combate incessante contra o absurdo é uma exigência vital. Tal não é minha convicção: mesma à sua revelia, diz respeito também a todo ser humano civilizado e preocupado em continuar a sê-lo^{II}.

Para o historiador Gerald Messadié, o fenômeno do antissemitismo é algo que não só diz respeito aos judeus, mas a todo ser humano. Assim, lembrando-nos do que nos falara François Bédarida, abordaremos a problemática do antissemitismo nacionalista, considerando a função social do historiador do tempo presente^{III}.

De tal modo, levando em consideração que o antissemitismo não é algo exclusivo do passado, mas um fenômeno que é possível identificar no tempo presente, buscaremos fazer uma análise do fenômeno do antissemitismo nacionalista – praticado por pessoas ligadas direta ou indiretamente aos grupos de extrema direita – na América do Sul, a partir dos casos argentinos: o atentado cometido por um grupo de *skinheads* a Claudio Salgueiro (1995) e as profanações de túmulos judaicos por membros da Polícia de Buenos Aires (1997-1998). Inicialmente, iremos nos atentar para as “origens” do

¹MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011, p. 70-71.

²SALEM, Helena. **As Tribos do Mal – O Neonazismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Editora Atual, 1995, p. 02.

³PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 72.

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

antisemitismo, claro que com ressalvas, pois como articulara Marc Bloch, “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento”^{IV}.

Ao se falar em perseguição a judeus, é comum o assunto ser associado as figuras emblemáticas de Adolf Hitler (1889-1945) e Benedito Mussolini (1883-1945). Mas o que nem todo mundo sabe, é que o fenômeno antisemita^V antecedeu e muito a Segunda Grande Guerra. Na verdade antecedeu à própria formação da Alemanha.

Desde antes do cristianismo os judeus veem sendo perseguidos. Segundo Gerald Messadié, não existe só um antisemitismo, mas diversos. Para o mesmo, podem-se observar três momentos de hostilidade ao povo judeu no decorrer da história da humanidade: o *período greco-romano*, o qual antecede o cristianismo, cerca de dois séculos a.C.; o *oantijudaísmo cristão*, desenvolvido no decorrer da Idade Média; e o *antisemitismo nacionalista*, que por sua vez, é o mais conhecido, e se desenvolveu no final do século XIX e durante o século XX, permanecendo até hoje no imaginário de algumas pessoas, que se revestem de um sentimento nacionalista – esse nacionalismo patriótico emergiu dentro do conceito de Estado-Nação, teorizado pelos filósofos da Revolução Francesa – para justificarem a aversão ao estrangeiro, neste caso, aos judeus, os quais são acusados de “cosmopolitas em excesso para serem cidadãos leais”^{VI}.

Como vimos, o antisemitismo não é um fenômeno recente, o povo judeu vem sendo perseguido há muito tempo. Contudo, dentre todos os momentos de perseguição, o Holocausto^{VII} fora, sem dúvida, o ápice da brutalidade humana, da barbaridade, e é a recordação mais recente do grau de nocividade das práticas antisemitas no tempo presente.

No entanto, mesmo sabendo de sua nocividade, ainda há, consciente ou inconscientemente, pessoas que cometem atos de caráter antisemita, não só na Europa, mas também em diversos lugares do mundo. O antisemitismo pode ser praticado a partir de diversos métodos e não somente com a violência física. Assim, como também pode estar presente no imaginário das mais diversas pessoas, que necessariamente não são ligadas (diretamente) a grupos neofascistas.

Os casos que nos propomos a analisar percorrem por esses dois extremos: a agressão cometida por um grupo de jovens skinheads a Claudio Salgueiro, que foi confundido com um judeu; e as profanações de túmulos judaicos em Tablada e Ciudadela, que não foram cometidas por pessoas ligadas diretamente a esses grupos, mas sim por membros da Polícia de Buenos Aires, que em tese não tem ligação nenhuma com os grupos neofascistas da Argentina.

O Atentado a Claudio Salgueiro em 1995

O país que concentra a maior comunidade judaica da América Latina^{VIII}, e representa a sétima maior comunidade judaica a nível mundial, é também “o mais antisemita e o maior possuidor de grupos neonazistas”^{IX} na atualidade. A aversão aos judeus, homossexuais e imigrantes, caracteriza a extrema direita argentina. Guiados por um sentimento de ódio, membros de grupos com ideais neofascistas promovem o terror nas ruas do país.

É frequentemente noticiado na imprensa argentina profanações a cemitérios judaicos^X e também agressões cometidas por jovens *skinheads*^{XI} as minorias. Atuando nas ruas, os grupos de *skinheads* perseguem e agridem aqueles que são considerados

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

seus inimigos maiores. Um exemplo foi o atentado a Claudio Salgueiro, confundido com um judeu por um grupo de cerca de 20 cabeças raspadas^{XII}.

Era primeiro de julho de 1995 quando, no bairro de Belgrano, Salgueiro foi surpreendido pelo grupo de *skinheads*. Segundo relatos, o grupo o confundiu com um judeu e começou a insultá-lo: “o que está olhando judeu de merda?”^{XIII}. E, à medida que iam golpeando e pisoteando a vítima, os jovens, gritavam frases neofascistas como “Heil, Hitler” e “Judeu asqueroso”^{XIV}.

Apesar da repercussão da ocorrência e da gravidade das agressões, os agressores só foram sentenciados – a primeira sentença, pois como iremos ver, o veredito judicial fora marcado por “idas e vindas”^{XV} – em 17 de abril de 1998, quando o Tribunal Oral Federal Nº 3 aplicou pela primeira vez a lei antidiscriminação^{XVI}, condenando os acusados a três anos de cárcere por “lesões causadas por ódio racial”^{XVII}. Dentre os agressores de Salgueiro, a polícia conseguiu identificar três pessoas: Andrés Paszkowki (na época da agressão tinha 28 anos); Orlando Romero da Silva (20); e Luciano Griguol (21).

Na audiência do dia 17 de abril de 1998, os familiares dos jovens cabeças raspadas ficaram inconformados com a decisão do Tribunal, e enquanto o juiz Carlos Andina Allende lia o veredito, começaram a gritar insultos antissemitas – “Judeus de merda, isso é uma vingança de vocês. O que aconteceu a AMIA e a Embaixada de Israel foi pouco. Tem que se queimar todos os Judeus” –, segundo noticiou, a sociedade civil, o jornal *Clarín*, do dia 22 de abril de 1998^{XVIII}. Para os familiares dos jovens – que mesmo após tais declarações, disseram não ser a favor de nenhuma manifestação de discriminação^{XIX}, o que chega a ser contraditório – o veredito foi injusto e os juízes teriam sido, por motivos obscuros, corruptos.^{XX}

Após tais demonstrações de intolerância e antissemitismo – e as ameaças sofridas por Salgueiro após a condenação dos três jovens –, entidades do governo de Buenos Aires, da comunidade judaica e dos direitos humanos se viram “obrigados” a agirem contra mais uma demonstração de ódio. A fim de fazerem justiça, tais organizações se uniram e apresentaram uma denúncia conjunta contra os familiares e amigos dos jovens agressores. Segundo o *Clarín*, o Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo^{XXI} (INADI), a Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas^{XXII} (DAIA), e a Asamblea Permanente por los Derechos Humanos^{XXIII} (APDH) tinham pedido a identificação dos protagonistas dos insultos, para que fossem processados por violarem a lei antidiscriminação, por fazerem apologia do delito, ameaças, intimidações e ainda por tentativa de obstruir a justiça. Segundo o interventor do INADI, Victor Ramos, as atitudes da família dos condenados só demonstraram que “o veredito foi correto e que **um skinhead não cai do céu**, mas que surge e se forma em famílias como essas” e que por isso “a luta por uma sociedade democrática e tolerante compete a todos nós”^{XXIV} e não somente a essas instituições. Ramos, assim como o vice-presidente da APDH, Simón Lázara, chamou a atenção das autoridades, e da sociedade civil – que como mesmo nos mostrou o historiador Robert Paxton, a sociedade civil nem sempre é vítima, mas sim parte atuante do processo^{XXV} –, para a ameaça desses grupos, que agem em conjunto^{XXVI}, que são formados, na sua maioria, por jovens deslumbrados com os ideais e o “viver” fascista.

Apesar das evidências – desde o atentado em si com as declarações fascistas, às manifestações dos amigos e familiares dos agressores durante a leitura do veredito – os jovens e seus familiares negaram que os mesmos fossem defensores de ideologias extremistas.

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

Em uma entrevista concedida ao *Clarín* – não somente a comunidade judaica recorreu à influência do periódico, os agressores também buscaram ser ouvidos e até mesmo quem sabe, com a repercussão da entrevista, conseguissem passar para a população civil a imagem de inocentes e injustiçados pela “conspiração judaica” – o pai de Andrés Paszkowski, dissera que não aderiam a nenhuma manifestação discriminatória e que “o caso contra os condenados foi falsamente armado por uma pressão política excessiva^{xxvii}. Por sua vez, a DAIA e a APDH, em resposta a tais declarações, argumentaram o oposto, reforçando o posicionamento ofensivo e intolerante dos familiares dos *skinheads* condenados. Segundo a denúncia feita por tais órgãos, durante a leitura do veredito, os familiares dos réus se referiram aos judeus como nos melhores tempos do Terceiro Reich^{xxviii}.

Assim, com a decisão do Tribunal Oral Criminal Federal Nº 3 – que em 17 de abril de 1998 condenaram a três anos de prisão os jovens *skinheads* – Claudio Salgueiro, a DAIA, e APDH acharam que de fato a justiça tinha sido feita. Mas a justiça se fez por pouco tempo, pois depois de seis meses de prisão, os jovens foram liberados. A liberação se deu pela Sala I da Cámara de Casación Penal – autoridade máxima do país.

Segundo noticiou, com tom de questionamento – vale ressaltar –, o jornal *Clarín*, os juízes do veredicto, que beneficiou os jovens *skinheads*, eram Liliana Catucci, Alfredo Bisordi e Juan Carlos Rodríguez. Ainda segundo o periódico, os juízes anularam a sentença anterior pelo fato do ocorrido não se tratar de “lesões causadas por ódio racial”, mas sim, apenas lesões. E que as frases ditas pelos jovens durante as agressões (“*Heil Hitler*”, “judeu de merda, não mereces viver”) deveriam ser interpretadas como “um grito de guerra, uma brincadeira”^{xxix}.

Ao anularem, com argumentos tão irrelevantes, e decidirem por um novo julgamento, os juízes chamaram atenção das organizações judaicas e dos direitos humanos, as quais defenderam que anular a sentença anterior era ser complacente com o antissemitismo e com a intolerância dos grupos neofascistas na Argentina – e de fato o era, visto que é impossível não levarem em consideração as frases ditas durante as agressões e mesmo na audiência, o antissemitismo e a defesa de ideologias extremistas ficaram evidentes nas falas dos jovens, dos seus familiares e amigos.

Com a anulação, o caso voltou a ser destaque nas páginas do *Clarín*. Os juízes foram convocados a darem explicações ao Conselho Judicial, e coube à Corte Suprema decidir o que fazer com os jovens *skinheads*. De modo a não ser complacentes com o antissemitismo, como defendera a comunidade judaica.

A Corte decidiu por um novo julgamento^{xxx}, que ocorrera no Tribunal Oral Federal Nº 5, sendo os juízes do caso Guillermo Gordo (um dos juízes responsáveis pelo julgamento do atentado a AMIA – que mesmo após 20 anos ainda não foram encontrados os culpados, e as investigações ainda continuam baseadas em hipóteses), Guillermo Madueño e Luis Di Renzi. O julgamento ocorreu em dezembro de 2001^{xxxi}. No dia 21 de dezembro de 2001, saiu o veredito. A sentença foi a mesma de 1998, em que os jovens *skinheads* foram condenados a três anos de prisão pela violação da lei antidiscriminação^{xxxii}.

Para os membros da DAIA e dos direitos humanos a sentença significou uma vitória na luta contra o antissemitismo, contra a intolerância dos grupos neofascistas, que se fazem presentes na sociedade argentina^{xxxiii}. O veredito também representou a primeira aplicação da Lei Antidiscriminação.

Se o atentado a Claudio Salgueiro, mesmo após sete anos de peleja judicial, foi um ganho na luta contra o antissemitismo propagado pelos grupos de inspiração

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

neofascista, as profanações de túmulos judaicos nos bairros de Tablada e Ciudadela por membros da Polícia de Buenos Aires em 1997 e 1998, alerta-nos para a existência do problema em outros segmentos da população argentina, que necessariamente não são ligados (diretamente) aos grupos neofascistas.

Segundo Informes da DAIA^{XXXIV} as profanações e atentados que vem sofrendo a comunidade judaica no decorrer das últimas décadas são indícios do significativo antissemitismo presente no país, que por sua vez, por se tratar de um fenômeno político e social, não tem fronteiras, estando presente em vários lugares e de *formas variadas*^{XXXV}.

As Profanações de Túmulos Judaicos em Tablada e Ciudadela

Em plena noite de Natal foram profanadas no Cemitério Judaico de Tablada 34 lápides. Esse foi o principal registro do *Clarín* na parte relacionada aos assuntos políticos. Conforme noticiou o mesmo, acredita-se que os responsáveis por essas profanações – diferentemente dos atos anteriores – não são grupos de skinheads, mas sim membros da Polícia de Buenos Aires.

Segundo o *Jornal Clarín* do dia 27 de dezembro, o presidente da DAIA (Delegación de Asociaciones Israelitas Argentina) Ruben Beraja, foi o primeiro a apontar os policiais como principais suspeitos, e que os mesmos sentiram-se prejudicados com as reformas no sistema de segurança, provocadas pelo governador Eduardo Duhalde, em que foram afastados da polícia bonaerense 243 chefes de polícia em 23 de dezembro de 1997.

O presidente da DAIA ainda disse que as acusações contra os policiais se sustentavam em duas pistas: desde que souberam da reforma, os comissários mostraram-se irritados e prometeram protestar na noite de Natal; e o fato de não ser a primeira vez que grupos de policiais estavam envolvidos em profanações de cemitérios judaicos. No entanto, para o Interventor da Polícia, Luis Lugones, “em um caso como este, deve-se também pensar na possibilidade de se tratar de um ato neonazista”. As lápides foram quebradas a marteladas, destruindo todas as esculturas que cobriam os túmulos de 43 judeus. Segundo os investigadores do caso, acredita-se que o ato foi executado por 4 a 5 pessoas.

O governador da Província de Buenos Aires, Eduardo Duhalde, em reunião com membros da DAIA, prometeu instalar um sofisticado sistema de segurança para impedir tais atentados. O governo nacional também se manifestou, prometendo ajudar nas investigações e no combate dos mesmos – mas como a impunidade era marca do governo de Menem, pouco fora feito para esclarecer o caso. Por sua vez, a Organização Judaica B'nai B'rith destacou a suspeita da facilidade que os desconhecidos romperam as lápides – suspeitando do envolvimento da polícia – e exigiu das autoridades o esclarecimento dos fatos^{XXXVI}.

Após poucos dias de investigação das profanações de Tablada, houve, na Argentina, mais um caso de profanação de túmulos. Desta vez, foram profanadas 19 lápides, do cemitério judaico de Ciudadela, atacadas entre a noite de quarta-feira (01/01/98) e a madrugada de quinta-feira (02/01/98)^{XXXVII}.

Com as novas profanações, as autoridades de Buenos Aires se reuniram mais uma vez para agilizar as investigações e procurar soluções para conter o antissemitismo no país. Para a DAIA, as profanações de Ciudadela e Tablada foram realizadas pelas

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

mesmas pessoas, com uma intencionalidade ideológica e um fim de desestabilizar o projeto de transformação que vem ocorria na província de Buenos Aires^{XXXVIII}.

Após alguns dias de averiguação, os investigadores do caso declararam ao *Clarín* que dois ex-comissários, que tinham sido expulsos da polícia bonaerense, eram os principais suspeitos do crime. O governador Duhalde dissera que a suposta participação da polícia bonaerense, era principal hipótese. É provável que rapazes – cumprindo ordens – tenham subido o muro do cemitério e, utilizando-se mais uma vez de martelos, quebraram as lápides.

Em repúdio aos atos de violência, a Comunidade judaica organizou – na manhã do dia 05 de janeiro de 1998 – um ato contra as profanações de túmulos nos cemitérios de Tablada e Ciudadela. Estavam presentes as principais entidades da comunidade judaica Argentina – AMIA, DAIA –, as quais demonstraram seus posicionamentos frente aos atentados. Indicaram os policiais bonaerenses – que teriam se sentidos prejudicados com as reformas policiais –, como os principais suspeitos, visto que chamaram a atenção para o fato do modo de operação das profanações terem sido praticamente o mesmo. Em declaração ao periódico, o presidente da DAIA afirmara que os atos de profanações tinham que ser vistos com mais vigor, ser punidos com severidade, fossem os culpados membros da polícia ou não.

Dois dias após o ato de repúdio as profanações, os investigadores do caso comunicaram que encontraram o principal suspeito das profanações. O ex-comissário Angel Salgueiro era o principal acusado de ter ordenado as profanações dos cemitérios judaicos de Tablada e de Ciudadela. Salgueiro que fez parte da equipe que investigou o atentado à sede da AMIA em 1995, e acusado em 1996 de participar do atentado ao cemitério de Tablada, estava entre os comissários que foram expulsos da polícia bonaerense duas semanas antes dos ataques.

Para os investigadores dos casos e deputados (da Aliança) de Buenos Aires, as profanações teriam sido uma forma de protesto contra a reforma policial que impôs o governador Eduardo Duhalde. Tanto os investigadores quanto os membros da DAIA, acreditam que fora Salgueiro o mandante do crime^{XXXIX}.

Mas qual teria sido o motivo maior? Será que fora somente uma forma de protestar contra as decisões tomadas por Eduardo Duhalde? Ou de fato há em meio a este “ato de protesto”, adormecido ou não, um forte antissemitismo? As profanações, se realmente tivessem como finalidade apenas protestar, poderiam ter ocorrido em outros cemitérios, mas não ocorreram em nenhum dos dois momentos, foram cometidas justamente em cemitérios judaicos, tais quais os atentados anteriores^{XL}.

Conforme uma edição especial do *Clarín*^{XLI}, não está descartada a possibilidade de se tratar de dois motivos: protesto pela reforma policial, e a presença do fenômeno do antissemitismo na polícia bonaerense. O próprio presidente Carlos Menem não descartou a possibilidade de haver policiais com ideologias neofascistas, e ainda alertou sobre o “retorno” dessas ideias na Argentina e no Mundo.

No entanto, as resoluções dos casos não devem ficar nas “hipóteses”, uma vez que os atentados tendem a se repetir não só na cidade de Buenos Aires, como também nas demais províncias do país. Um grande exemplo da insuficiência das investigações acerca dos culpados são as profanações nos cemitérios israelitas de Liniers e Tablada, em outubro de 1999. Foram profanados 11 túmulos em Liniers e 63 em Tablada. E como os atentados anteriores, não se localizou os culpados.

Considerações Finais

A ineficiência da segurança pública na prevenção e esclarecimento dos atentados, a existência de grupos orientados pelo ódio racial e/ou religioso, e a permanência do fenômeno do antissemitismo nas sociedades do tempo presente, são elementos que corroboram para que casos como os que aqui foram mencionados se repitam.

É fato que, na atualidade, os índices de antissemitismo na Argentina vêm cada vez diminuindo. Conforme pesquisa realizada pelo B'nai B'rith, os índices de intolerância no país caíram significativamente. Segundo a mesma, “um em cada quatro argentinos possui preconceitos antissemitas”^{XLII}. Se comparado aos anos anteriores, principalmente ao período de estudo do presente trabalho (década de 1990), os números caíram, no entanto, levando em consideração o número expressivo da população judaica no país, ainda é algo preocupante.

Desta forma, torna-se cada vez mais necessário atentar-nos para os discursos de ódio e de intolerância que se fazem presentes na contemporaneidade. Como observou Robert Paxton, não é fácil determinar as reações corretas ao avanço das práticas fascistas. No entanto, nossas chances de reagir de forma sensata serão muito maiores se o compreendermos^{XLIII}.

Notas

^I Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS/CNPq). Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (DHI/UFS). E-mail: gabriela@getempo.org

^{II} MÉSSADIE, Gerald. **História geral do anti-semitismo**. Tradução Rejane Janowitz. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 08.

^{III} Ver mais em: BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 219-232.

^{IV} À volta as origens é algo perigoso para o autor, no sentido de querer que a mesma por si só explique o fenômeno. No entanto, pode, é útil, ser utilizada como complemento para esse entendimento e não como fator determinante. Ver mais em: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 60.

^V O termo foi usado pela primeira vez no ano de 1870, na Alemanha, por Wilhelm Marr. Etimologicamente falando, o uso do termo para se referir ao povo judeu é errado, pois os judeus não são os únicos semitas. No entanto, se utilizou do termo por tanto tempo que o mesmo acabou se impondo, sendo entendido até os dias de hoje como antijudaísmo.

^{VI} MÉSSADIE, Gerald. **História geral do anti-semitismo**. Tradução Rejane Janowitz. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.15.

^{VII} Ou *Shoá*, como é chamado por alguns estudiosos e pelo povo judeu, visto que significa *calamidade*, enquanto que o termo holocausto está relacionado à prática de sacrifício religioso em que a vítima é consumida pelo fogo para pagar seus pecados, o que, segundo os judeus, alivia o peso da catástrofe e permite a propagação/perpetuação do antissemitismo na sociedade atual.

^{VIII} Essa significativa presença de judeus na Argentina é fruto de um grande processo migratório que se iniciou ainda no final do século XIX. Ver mais em: JMELNIZKY, Adrián. **La población judía en Buenos Aires: estudio sociodemográfico** / Adrián Jmelnizky y Ezequiel Erdei. – 1ª Ed. - Buenos Aires : AMIA, 2005.

^{IX} PALACIOS, Ariel. **Os argentinos** / Ariel Palacios. – São Paulo: Contexto, 2013, p. 25.

^X Una nueva profanación de tumbas en un cementerio judío. Clarín, 03 de janeiro de 1998. Disponível em: www.edant.clarin.com/diario/1998/01/02/t-01000d.htm Acesso: 01/08/12.

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

^{XI} Movimentos de inspirações fascistas, que surgira na Inglaterra no início dos anos 1970. Antes de tomar uma postura racista, xenófoba e intolerante, o movimento reivindicava valores da classe operária britânica. Ver mais em: SALEM, Helena. **As Tribos do Mal – O Neonazismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

^{XII} ABIAD, P. Amenazanalhombre que fue golpeado por los skinheads. *Clarín*, 06 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/04/19/e-05801d.htm> Acesso: 11/2/2014.

^{XIII} “O que está olhando judeu de merda?”. Antecedentes: Idas y vueltas de un caso polémico. *Clarín*, 06 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/2001/12/06/s-05602.htm> Acesso: 11/2/2014.

^{XIV} Otros ataques y unnuevodetenido. *Clarín*, 17 de agosto de 2005. Disponível em: www.clarin.com/diario/2005/08/17/policiales/g-04602.htm Acesso: 11/02/2014.

^{XV} O atentado, descrito pelo *Clarín* como “um caso com idas e vindas”, fora narrado pelo jornalista Pablo Abiad, na época, responsável pela cobertura de temas judiciais. A influência do periódico se fez presente em todo o decorrer do processo. Ambos os lados envolvidos, buscaram o *Clarín*, para ser seu porta voz. No entanto, vale ressaltar que, a pesar do considerável destaque dado ao caso, o periódico não posicionou-se em momento algum.

^{XVI} Lei 23.592, promulgada em 05 de setembro de 1988. Tem por finalidade, punir todo ato de discriminação: racial ou religiosa; por motivos ideológicos, políticos; por condição econômica ou social. Disponível em: http://www.integrando.org.ar/juridico/discriminacion_23592.htm Acesso: 17/04/2014.

^{XVII} ABIAD, P. Amenazanalhombre que fue golpeado por los skinheads. *Clarín*, 06 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/04/19/e-05801d.htm> Acesso: 11/2/2014.

^{XVIII} Denuncias contra los amigos y familiares de los skinheads. *Clarín*, 22 de abril de 1998. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/04/22/e-05401d.htm> Acesso: 11/02/2014.

^{XIX} Idem.

^{XX} Skinheads: investigarandesordenes. *Clarín*, 21 de abril de 1998. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/04/21/e-04703d.htm> Acesso : 11/2/2014.

^{XXI} Instituto Nacional Contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo. [Tradução nossa].

^{XXII} Delegação de Associações judaicas argentinas. [Tradução nossa].

^{XXIII} Assembleia Permanente de Direitos Humanos. [Tradução nossa].

^{XXIV} Denuncias contra los amigos y familiares de los skinheads. *Clarín*, 22 de abril de 1998. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/04/22/e-05401d.htm> Acesso: 11/02/2014. [Grifo nosso].

^{XXV} PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 34.

^{XXVI} Como mostrara Antônio Salas, “os skinheads são fortes juntos, sozinhos não são nada”, sozinhos não passam de covardes. Cf. SALAS, Antonio. **Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006, p.87.

^{XXVII} Denúnciamenaza la madre de un skinhead. *Clarín*, 20 de abril de 1998. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/04/20/e-05401d.htm> Acesso: 01/08/2012.

^{XXVIII} Apesar das ofensas, os familiares dos jovens não foram condenados pela Lei Antidiscriminação.

^{XXIX} ABIAD, P. Camaristas deberán explicar un fallo que benefició a skinheads. *Clarín*, 07 de junho de 2000. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/2000/06/07/s-03601.htm> Acesso: 11/02/2014.

^{XXX} ABIAD, P. Nuevojuicio contra skinheads acusados de golpear a un joven. *Clarín*, 06 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/2001/12/06/s-05601.htm> Acesso: 18/04/2014.

^{XXXI} Na ocasião só estiveram presentes Orlando Romero da Silva e Luciano Griguol. Andrés Paszkowki faltara às audiências e por conta disso, fora considerado fugitivo perante a justiça argentina durante 140 dias. Ver: ABIAD, P. Se entregó un joven acusado que estuvo 140 días prófugo. *Clarín*, 03 de maio de 2002. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/2002/05/03/s-04301.htm> Acesso: 18/04/2014.

^{XXXII} ABIAD, P. Dos condenados por golpear a un joven por odio religioso. *Clarín*, 12 de setembro de 2002. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/2002/09/12/s-03601.htm> Acesso: 18/04/2014.

^{XXXIII} ABIAD, P. Los condenaron por golpear a un joven por odio religioso. *Clarín*, 22 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/2001/12/22/s-330196.htm> Acesso: 18/04/2014.

^{XXXIV} Ver: Informe sobre antisemitismo en la Argentina 2012. **DAIA**. Disponível em: <http://www.daia.org.ar/2013/uploads/documentos/64/Informe%20antisemitismo%202012%20web.pdf> Acesso em: 03/08/2014.

^{XXXV} Idem.

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

^{XXXVI} YOUNG, Gerardo. Acusan a policías por laprofanación de tumbas enuncementerio judío. *Clarín*, 27 de dezembro de 1997. Disponível em: www.edant.clarin.com/diario/1997/12/27/t-00201d.htm. Acesso em: 25/10/13.

^{XXXVII} Ver: Una nuevaprofanación de tumbas enuncementerio judío. *Clarín*, 02 de janeiro de 1998. Disponível em: edant.clarin.com/diario/1998/01/02/t-01000d.htm. Acesso em: 01/08/13.

^{XXXVIII} Idem.

^{XXXIX} Ver: Sospechan de unexcomisario por los ataques a tumbas judías. *Clarín*, 07 de janeiro de 1998. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/01/07/t-00601d.htm> Acesso em 03/08/13.

^{XL} Segundo o policial Pedro Avio, há dentro da polícia bonaerense uma máfia antisemita^{XL}. Tal declaração provocou a elaboração de inúmeras hipóteses acerca do caso. Ver: Sospechan de unexcomisario por los ataques a tumbas judías. *Clarín*, 07 de janeiro de 1998. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/1998/01/07/t-00601d.htm> Acesso em 03/08/13.

^{XLI} YOUNG, Gerardo. Apuntan a dos excomisarios por laprofanación de tumbas. *Clarín*, 03 de janeiro de 1998. Disponível em: edant.clarin.com/diario/1998/01/03/t-00401d.htm. Acesso em: 03/08/13.

^{XLII} Uno de cada cuatro argentinos manifiestaprejuicios antisemitas. *Clarín*, 15 de maio de 2014. Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/argentinos-manifiesta-prejuicios-antisemitas_0_1138686188.html Acesso em: 04/08/2014.

^{XLIII} PAXTON, Robert O. **A anatomia do Fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p.361.

Referências Bibliográficas

Obras:

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. – 3ª Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CHAVES, Daniel; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (orgs). **Argentina, Hoje**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

JMELNIZKY, Adrián. **La población judía en Buenos Aires: estudio sociodemográfico** / Adrián Jmelnizky y Ezequiel Erdei. – 1ª Ed. - Buenos Aires: AMIA, 2005.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. (Org.). **História, neofascismos e Intolerância: reflexões sobre o Tempo Presente**. São Cristóvão/Rio de Janeiro: Edufs/Luminárias, 2012.

MÉSSADIE, Gerald. **História geral do anti-semitismo**. Tradução Rejane Janowitzer. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RÉMOND, Réne. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

PALACIOS, Ariel. **Os argentinos** / Ariel Palacios. – São Paulo: Contexto, 2013.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do Fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la Argentina (1916-2010)**. 3ª Ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

A EXTREMA DIREITA ARGENTINA EM AÇÃO: INTOLERÂNCIA, VIOLÊNCIA E ANTISSEMITISMO (1995-2002)

GABRIELA RESENDES SILVA

SALEM, Helena. **As Tribos do Mal – O Neonazismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século XX: entre luzes e sombras. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. Os fascismos. In: **O século XX: o tempo das crises, revoluções e fascismos**. FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs). 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Artigos:

ADORNO, Theodor W. **Educação após Auchwitz**. Disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno10.htm>. Acesso em: 02/11/13.

ARÓSTEGUI, Julio. **La História del Presente: ¿una cuestión de método?** Disponível em: http://www.historiacontemporanea.ehu.es/s0021con/es/contenidos/boletin_revista/00021_revista_hc30/es_revista/adjuntos/30_15.pdf Acesso em: 01/08/2013.

Sitografia:

Clarín – <http://www.clarin.com> Último acesso em: 04/08/2014

Delegación de Asociaciones Israelitas Argentina (DAIA) – <http://www.daia.org.ar> Último acesso em: 03/08/2014.

Grupo Clarín – <http://www.grupoclarin.com.ar> Último acesso em: 25/07/2014.